

Fábula do fim da terra

por Jorge Louraço Figueira

A terra queria ser o sol — ou, pelo menos, alguns habitantes da terra queriam tanto ser como o sol, e estar no centro da criação, que se portavam como o astro-rei. Indiferentes aos outros, pegaram fogo a tudo o que encontraram. Queimaram a pele, a carne e as entranhas da terra. Chegaram muito perto de fazer da terra uma bola de fogo. O planeta estava quase todo a arder. Ardiam as estepes na Sibéria e os lagos na Islândia. No sul da Europa, os incêndios comiam hectares de terreno, engoliam povoações inteiras.

Fábulas e imagens à parte, o facto é que o deserto avança por todos os lados. Apagados os fogos no Sul da Europa, as árvores estão mortas, a terra está seca. Onde havia terra fértil, há agora areia fina. Pode ver-se nisto a verdade: não passamos de grãos de areia.

Selva Coragem parte de um princípio similar. As pessoas devem reconhecer-se como parte da natureza, não como proprietárias dela. Convidados para emprestarem uma planta, os habitantes do Cartaxo, e dos outros lugares onde esta acção é feita, terão um pequeno parque natural temporário ao seu dispor, feito com o contributo de todos. O espaço será arranjado em função das plantas recebidas, de modo a proporcionar ocasiões e lugares de encontro. Ou talvez o parque não esteja ao dispor de ninguém, seja habitante do Cartaxo ou de outro lugar do planeta Terra, e sejam as pessoas que se dispõem a cuidar do parque, como cuidam das plantas em casa. Afinal é o que faz já muita gente, na varanda ou no quintal. Inspirado por David Abraam, Eduardo Viveiros de Castro e Emanuele Coccia, o Teatro do Frio levar-nos-á para conhecermos a vida secreta das plantas. O que estes e outros pensadores propõem é que em vez de estar no centro ou no topo da criação, o **'homem' esteja lado a lado com todos os seres. Até o uso da palavra homem, em vez de 'humanidade', por exemplo, fica curto, deste ponto de vista. O Teatro do Frio trabalha para** ficarmos frente a frente com a nossa desumanidade. *Selva Coragem* é uma conversa de pessoas com as plantas, entre as plantas e os donos delas, entre os donos delas e o Festival Materiais Diversos, com o fim de nos olharmos olhos nos olhos e arranjarmos lugar para todos.

A partir das plantas, o Teatro do Frio faz, nesta acção, além da composição botânica, a criação de sons, palavras e imagens. Ao fim de uma semana, este jardim improvisado a partir das plantas que as pessoas trouxeram proporcionará os encontros e as conversas sobre os espaços verdes, os espaços públicos e os espaços comuns. *Selva Coragem* é uma espécie de baldio fora de lugar, onde os membros do Teatro do Frio estarão a criar uma comunidade nova, com plantas e pessoas vindas de todo o mundo, e os respectivos cuidados a ter, e as histórias que há por contar. O cuidado e a história do mundo.

Se não fizermos nada, só sobrarão as flores de eucalipto que o vento traz. E dezenas de novos eucaliptos à beira da estrada, numa extensão a perder de vista, tudo quase da mesma cor. Viveremos numa grande plantação de eucaliptos e austrálias. Faz sentido. Os homens são como os eucaliptos: invadem e secam tudo. Uma barragem, uma central eléctrica, uma massa de eucaliptos, uma fábrica de papel, isto anda tudo ligado, já ouvimos a canção. Para escrever e imprimir este texto, por exemplo, é preciso um pouco de tudo isso e ainda mais alguma coisa. Veremos tudo isto de dentro de uma carcaça de metal, que roda às custas do combustível fóssil, como se andasse às costas de um cetáceo gigante, milhões de anos depois, já transformado em petróleo vendido à beira das estradas. O deserto avança sobre nós. Enquanto durar o combustível, dura o ar condicionado. Depois, a chapa do carro fará muito bem de forno solar. Qualquer dia, deixará de fazer sentido os versos que dizem que a areia do Saara vem na chuva que cai sobre os automóveis em Roma. A areia virá dos arrabaldes das cidades, soprada por uma brisa fina que arrefecerá os nossos ossos antes de tempo.